

Portunhol: língua, história e política

Eliana Sturza^a

Resumo

Portunhol se define como uma língua resultante do contato linguístico entre o Português e o Espanhol e é identificada como uma língua de contato, mas também como uma língua étnica de falantes de comunidades fronteiriças da região norte do Uruguai com o extremo sul do Brasil. Este artigo busca esclarecer que aspectos sociais, políticos e identitários contribuem para diferenciar o Portunhol língua étnica do Portunhol como interlíngua, do Portunhol língua de interação social e do Portunhol Selvagem de textos literários, este usado como recurso estético. Portanto, considera-se também os aspectos históricos e políticos que levaram o Portunhol a ser inclusive reivindicado como patrimônio cultural.

Palavras-chave: Portunhol; Língua; História; Política.

Recebido em: 20/11/2018

Aceito em: 11/03/2019

^a Professora no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Santa Maria..
E-mail: listurza@gmail.com.

“Um nome identifica, ele não classifica.”

Jacques Rancière

Nomear e/ou designar uma língua são processos que, embora pareçam semelhantes e sinônimos, implicam um funcionamento semântico distinto. Cada ato desses é um ato constituído de uma função de identificação, portanto, constitui-se de uma especificidade na língua, significando ainda o modo como particularizamos algo no mundo. A enganosa sinonímia entre nomear e designar decorre de que há uma relação semântica distinta entre esses gestos e o modo como eles significam ou ressignificam na língua a sua relação com a exterioridade. Interessa proceder a essa distinção visto que uma das questões polêmicas em torno do Portunhol é o seu nome, ao qual está vinculada outra problemática, que é a de sua definição. O nome Portunhol implica definições que, por sua vez, estão determinadas por quem são os sujeitos que o nomeiam como língua. Dito de outro modo, neste trabalho, enfoca-se a nomeação da língua de acordo com o modo como a designam os sujeitos falantes e os sujeitos acadêmicos, ou seja, pesquisadores e estudiosos da questão do Portunhol.

1. Dar o nome a uma língua

Para compreender a problemática do nome Portunhol é preciso, antes de tudo, esclarecer se Portunhol é uma nomeação ou uma designação. Essa escolha se dá tanto pela realidade linguística na qual a língua se apresenta aos falantes bem como pelo fato de que essa mesma realidade linguística está afetada pelas condições sócio-históricas dos sujeitos que falam o Portunhol, ou daquele Portunhol que eles falam. Em outra esfera, fenômenos linguísticos como Portunhol são estudados e identificados de diferentes perspectivas teórico-analíticas, levando a processos de nomeação que se relacionam diretamente com o lugar teórico do pesquisador, nem sempre coincidindo com os nomes atribuídos por seus falantes. A escolha por esse caminho de esclarecer as diferenças entre uma e outra permite que, mais adiante, as definições sejam estabelecidas de maneira a discernir a complexidade de se referir a uma língua sem saber, de fato, o que ela é.

A nomeação atribui ao objeto uma identificação frente a outros objetos no mundo, individualiza-o em relação aos demais de mesma natureza. Sendo assim, nomeamos aquilo que ainda não tem uma identificação no mundo, de tal maneira que podemos então denotá-lo no conjunto dos objetos, dando-lhe uma existência identificável. Certamente, podemos fazê-lo de maneira a referirmo-nos àquilo que não está nomeado, utilizando-nos por exemplo, dos elementos dêiticos neutros como: aquilo, isto, isso; o que está ali ou lá ou cá, que, em princípio, funcionariam como uma indicação neutra, demonstrando a posição, no tempo e no espaço, do objeto em relação ao falante. Ao nomear, etiquetamos algo no mundo e damos ao objeto uma realidade linguística. No entanto, nomear não é apenas estabelecer uma relação direta entre o objeto e sua referência no mundo.

É fato que se usa frequentemente nomear e designar como sinônimos, por necessidade de classificar um determinado objeto em relação aos demais, neste caso, dar nome a uma língua, em princípio, é dar-lhe uma existência no mundo. Porém, quando um nome se constitui na sua relação com a história, estabelece-se uma particularização de sua significação, que o diferencia frente a outras nomeações de língua. É assim, que língua espanhola não é língua portuguesa, porque há uma relação histórica de suas nomeações, o que, portanto, as constitui em designações diferentes. A língua designada é uma identificação, não uma classificação. Ela existe porque existem falantes, que a reconhecem como tal e a tomam como símbolo de reconhecimento coletivo. Nesse sentido, também a comunidade de fala reconhece o seu território por meio da língua nomeada, através dela os falantes estabelecem seu vínculo de pertença com o grupo e não apenas com o lugar.

No entanto, quais referências e sentidos uma língua tem para que seus falantes lhe atribuam um nome ou mesmo resistam a escolher um nome e não outro? E quando a língua se constitui de línguas já nomeadas e, portanto, contidas de historicidade, elas apenas nomeiam ou designam?

Para refletir sobre Portunhol como nome de uma língua, faz-se necessário retomar um aspecto determinante que levou ao seu surgimento: a situação de contato. De acordo com Chamoreau (2008), as designações tanto do povo (*etnónimo*) como da língua (*glotónimo*) são favorecidas pelo contexto de

contato. A autora destaca que um povo dominante nomeia, categoriza e hierarquiza, do seu ponto de vista, a sua língua e a si mesmo enquanto grupo social. No caso específico do Portunhol, não trataremos se há um povo dominante,¹ mas nos interessa analisar o que designar (a autora usa indistintamente denominar e designar) implica de significação quando é um *glotónimo*, para usar aqui uma definição apresentada por Charomeau (2008) para esse procedimento.

Em relação ao ato de nomear, Chamoreau (2008) afirma que o sujeito nomeia um grupo, um povo ou uma língua, baseado em suas próprias referências. Utiliza-se de elementos linguísticos da sua língua ou da língua do outro para construir significados que remetem à sua visão do outro, naquilo que particularmente pode afetá-lo e de como ele interpreta as características ou as particularidades de um grupo social distinto daquele ao qual pertence. Desse modo, constrói uma visão de si mesmo como grupo. Nem sempre o nome reconhecido pela comunidade de fala por ela compartilhado é o mesmo atribuído por um pesquisador ou por uma comunidade linguística externa.

Rancièrè (1994, p. 430), ao abordar a Ciência Histórica, sobretudo em relação à mudança metodológica no tratamento da Nova História, afirma que as palavras da história são nomes, pois “há história porque os seres falantes estão reunidos e divididos pelos nomes, porque eles se nomeiam a si mesmos e nomeiam os outros por nomes que não têm ‘a menor relação’ com o conjunto de propriedades”. Nesse sentido, reafirma-se que o “nome identifica, ele não classifica”. O que autor sustenta é que a classificação implica a relação dos seres falantes com as posições sociais. Por outro lado, quando nomear está ancorado em um conjunto de propriedades, consideram-se os sujeitos falantes e não as classes sociais às quais pertencem. Se tomamos o caso do Portunhol do e no Uruguai, observamos uma história de nomeações, ora como sinônimos (*Fronterizo; Portuñol; Brasileiro; Portugués del Uruguay (PU)*), ora como especificação de um fenômeno linguístico (*Entreverado; Mixtura; Dialecto; Dialectos Portugueses del Uruguay - DPUs*), o que mostra uma complexa relação dos falantes com sua língua e sua representação política.

Rona (1965), quando inicia suas pesquisas de campo, em meados dos anos cinquenta do Século. XX, menciona que

¹ Não se deve desconsiderar que no caso do Portunhol do Uruguai, a base de língua portuguesa revelo domínio de um grupo social, os luso-brasileiros, que ocuparam o território norte do Uruguai, o que possibilitou também uma ocupação linguística da região, tal como apresenta Sturza (2006).

os falantes que habitavam o meio rural do norte uruguaio, fronteira com extremo sul do Brasil, nomeavam sua língua de *Fronterizo* talvez, por esse motivo, ele tenha nomeado também seu livro, com resultado de suas pesquisas de campo, de *Dialecto Fronterizo del Norte de Uruguay*, inspirado no nome atribuído pelos falantes ao dialeto de base portuguesa, falado pela população que vive ao longo dessa fronteira. Embora chame de dialeto, é interessante observar como Rona (1965) percebe que se trata de uma fala outra, como se a mesma fosse uma terceira língua, pois aponta que:

De la segunda zona decíamos que correspondía a lo que ‘los mismos hablantes de esta región llaman **Dialecto Fronterizo**’. Consiste éste en una mezcla de portugués y español, pero que no es ni portugués ni español y resulta con frecuencia ininteligible tanto para brasileños como para los uruguayos.. (RONA, 1965, p. 7) (grifo do autor).

Em outro artigo, pesquisando na fronteira Brasil-Argentina, o autor estabelece um paralelo com sua pesquisa no norte uruguaio e identifica que o fenômeno do contato linguístico entre Português e Espanhol cria um dialeto que ele volta a nomear como *Fronterizo*.

No documentário *Linha Imaginária*² sobre a vida na fronteira Brasil-Uruguai ao ser entrevistado, um fronteiriço declara orgulhoso: “Eu falo *uruguaio* corretamente e falo *brasileiro* corretamente”. Em outro depoimento, uma uruguaia, falando português, afirma: “somos únicos”. Os falantes dessa fronteira designam suas línguas e, ao usá-las, significam uma identidade reconhecida como particular desse espaço territorial único. Nesses exemplos, destaca-se a forma como falantes expressam um sentimento de pertencimento, vinculado ao modo de habitar a fronteira o que, por consequência, faz com que o nome de uma língua, segundo os próprios falantes, esteja relacionado ao modo de existência neste território fronteiriço. São modos de viver culturalmente organizados, em torno de dinâmicas próprias. Nesse sentido, o ser “único” é não importar, nas relações cotidianas, o peso da nacionalidade pela língua oficial e, desse modo, identificar sujeitos fronteiriços também pela língua.

A definição de sujeitos fronteiriços dando ênfase a sua procedência territorial não possibilita incluir os sujeitos que estão em outras fronteiras, que não são, necessariamente,

² Produção Maviola filmes, direção de Cíntia Langie e Rafael Andrezza.

aqueles que vivem em zonas de fronteiras geopolíticas, mas que estão em uma situação limite, em que fronteira tem outras interpretações e é definida por outras características como as que separam centro-periferia ou a linguística, dentro de um mesmo espaço territorial nacional, como no caso dos bolivianos em São Paulo. Essas situações possibilitam assim compreender o Portunhol como nome de uma língua para além das relações das línguas portuguesa e espanhola, possibilitado pelo contato dos falantes que vivem nos limites territoriais nacionais.

Tomando a reflexão de Rancière (1994) e levando em conta as condições sociais e históricas do período de maior incidência de luso-brasileiros na região norte do Uruguai (Séculos. XVIII e XIX), o domínio do português como língua de herança e a chegada da instrução escolar intensa e extensa na zona rural uruguaia no final século XIX mostram-nos que as mudanças no nome da língua parecem responder às realidades dos falantes, pois estes eram brasileiros, peões, lavradores, estancieiros. Dessa história nascem e se reconhecem os fronteiriços. O conjunto de propriedades que identifica então os falantes pela procedência oferece uma referência constituída em uma realidade social e histórica identificada pelo nome da língua: *Fronterizo*. O nome cobre duas realidades: a linguística e a social. É um *etnónimo*, pois identifica também o grupo étnico pelo território que ocupa, dadas suas características culturais e linguísticas.

Barrios (2014) afirma que a denominação (a autora usa alternadamente denominação e designação) se categoriza em: *glosonómica*, *metalinguística* e *epilinguística*. As modalidades implicam que são os sujeitos que operam a nomeação, ou seja, falantes/usuários da língua; acadêmicos e o sistema educativo. A Língua Portuguesa no Brasil é um bom exemplo: os falantes a denominam de *Brasileiro*, o sistema escolar se apoia no nome oficial *Língua Portuguesa*, e a comunidade acadêmica, cada vez mais, opta por *Português Brasileiro*.

De acordo com Dias (2013, p. 17), nos anos 30 e 40 do século XX, surgiram propostas legislativas de mudança do nome da língua no Brasil, buscando substituir a denominação “língua portuguesa” para “língua brasileira”. O debate político sobre o nome da língua ancorava-se em argumentos Relativos à língua falada pela população, pouco prestigiada, relacionada ao lugar, ou seja, à língua do Brasil e, por outro

lado, tomando como referência a língua portuguesa da cultura escrita, “a língua do bom português.” Os argumentos a favor da identificação do nome da língua com o lugar também significavam a construção de um discurso de reivindicação do nacional. Essas décadas foram marcadas por movimentos nacionalistas no Brasil que, entre outras coisas, lutavam por uma identificação linguística e cultural.

A designação metalinguística consolida-se com o surgimento dos instrumentos linguísticos como a gramática e o dicionário. A produção de um saber linguístico apresenta-nos como as línguas vão se estabilizando na escrita e se organizando a partir de uma norma, que vai conferir-lhes um lugar político ao se tornarem línguas nacionais. O processo de gramatização de línguas vernáculas europeias como o espanhol e o português levou à fixação de um nome, primeiro pela relação com dialeto histórico do qual surgiram e, posteriormente, pela necessidade de sua identificação com os estados nacionais recém- unificados. No caso do espanhol, a denominação da língua também se forjou por meio da força política de uma região, que lutou pela unificação do território aprofundando as relações de poder entre o povo e o império – o castelhano. Esse nome se origina pela identificação com o reino de Castela, funcionando, ao mesmo tempo, como um *etnónimo* e, logo, como um *glosónimo*.

De acordo com Burke

Na Espanha, a disseminação de uma forma-padrão de castelhano foi vinculada à Reconquista. A variedade falada em Burgos tornou-se padrão, aceito em Toledo quando aquela antiga capital foi retomada dos mulçumanos ou ‘mouros’, e depois se espalhou pelo Sul. Em 1235, o rei Alfonso X, ‘o sábio’, declarou que Toledo era ‘a medida da língua espanhola’ (*metro de la lengua castellana*). (Burke (2010, p.113),

A designação língua espanhola sobrepõe-se à denominação castelhano, produzindo efeitos nas relações de poder a partir de então. Essa sobreposição, forçada por um ideal de unidade linguística do Estado, é alheia, muitas vezes, ao modo como os falantes denominam as línguas de suas comunidades de origem, na qual se veem integrados e identificados, vale lembrar a existência de outros dialetos e línguas na Espanha, como *andaluz*, *extremeño*, *leonés*, *vasco*, *galego*, *catalán*, entre outros. O procedimento de designação por parte dos falantes é de um

saber intuitivo, é epilinguístico e baseia-se em outras razões: históricas, culturais, sociais e também políticas, de grupos que compõem uma determinada sociedade.

A língua portuguesa define-se com a independência da Galiza e de Leão (território castelhano), no século XII, e a conquista dos territórios mouros ao sul. Separar-se desses territórios teve efeitos no desenvolvimento da língua. De acordo com Basso & Gonçalves (2014, p. 119), “A língua portuguesa, nascida do português medieval do norte, é levada ao sul com os movimentos de Reconquista e, com a capital transferida para Lisboa em 1225, a fixação da língua culta não mais seguirá os desenvolvimentos dos dialetos do norte, mas sim da zona de influência da capital e de Coimbra.”

A história entrelaçada do português e do espanhol remonta à divisão geográfica dada pelos romanos à Península Ibérica durante seu domínio. A delimitação geopolítica, a partir dos movimentos de Reconquista, que levaram à configuração dos limites territoriais de Portugal, não apagou a história comum nem o parentesco das línguas predominantes nesses três domínios. Da mesma maneira, no novo mundo a conquista de novas terras dividiu os domínios de Espanha e Portugal, e novamente lusos e castelhanos se colocaram na disputa pelos limites territoriais. As fronteiras definiram-se, as línguas foram oficializadas, no entanto, a porosidade das fronteiras recoloca a proximidade linguística como problema, mas também como recurso. Herda-se, assim, línguas já nomeadas e carregadas de histórias e memórias.

Pensar o modo de categorizar os tipos de designações lembra como as mesmas se articulam com o que Auroux (1992) chama de conhecimento metalinguístico e epilinguístico. O primeiro abordaria o conhecimento produzido, elaborado, sistematizado por quem toma língua como um objeto de conhecimento, por exemplo, produzido no conjunto de saberes acadêmico-científicos, dando-lhe assim uma abordagem epistemológica. Por outro lado, o conhecimento técnico ou especulativo de um falante, ainda que ele não produza artefatos técnicos, é um conhecimento de base intuitiva. Nesse último é que, na verdade, o falante encontra as razões para nomear sua língua. Quando se trata de um conhecimento epilinguístico, a designação atribuída pelo falante à língua que fala ou à língua do outro está sustentada em experiências e referências que são

da ordem desse saber intuitivo. No entanto, não se descarta a possibilidade de que o falante adote nomenclaturas, definições e nomeações oriundas do saber da academia, em busca de prestígio para sua língua. No caso do Portunhol Uruguaio, verifica-se que alguns fronteiriços se apropriam da sigla DPUs (*Dialectos Portugueses del Uruguay*), que remete à identificação dada por Elizaincín, Behares e Barrios (1987) para o fenômeno linguístico de base portuguesa existente no norte uruguaio.³

A comunidade de fala do Portunhol tem uma composição diversa visto que é um fenômeno linguístico recorrente em outros espaços, com representações da língua e dos falantes diferentes para cada grupo social que compõe a grande comunidade de fala do Portunhol (talvez haja comunidades de falas do Portunhol). Entende-se que esta comunidade de fala integra os grupos, ainda que não pelas mesmas razões e representações, mas porque os falantes manejam o Portunhol como uma língua de identificação do seu lugar, em certas práticas sociais e com suas formas de expressão cultural.

Do ponto de vista da produção acadêmica, as pesquisas situam-se em campos como a Sociolinguística, a Política Linguística, a Linguística Aplicada, sendo que, em cada campo, existem desdobramentos teóricos e enfoques em: variedades linguísticas; línguas de contato; ideologias linguísticas; discursos político-linguísticos; interferências linguísticas; interlíngua; alternância de códigos, educação intercultural bilíngue, entre outros.

2. Entre Nomear e Designar

Há, então, razões distintas para nomear e/ou designar uma língua. No caso do Portunhol, observamos que existem quatro ocorrências que constituem tais razões, são as do: Portunhol Uruguaio, que uso aqui como renomeação do *Fronterizo/Portugués del Uruguay*; Portunhol como interação comunicativa; Portunhol como interlíngua e Portunhol Selvagem como recurso estético-linguístico. As ocorrências possibilitam desde já dizer que o Portunhol não é o mesmo em todas elas: embora tenham em comum o contato português e espanhol, os seus usos têm funções muito diferentes.

A falta de unidade linguística ocorre por justamente ser uma língua com pouco registro escrito, que apresenta muitas

³ No documentário *Linha Imaginária*, o cantor riverense Chito de Mello ao referir-se ao rompidiomas como característica do modo de usar as línguas na fronteira Brasil-Uruguaio, menciona Portunhol e o DPU como sinônimos.

irregularidades gramaticais. O uso do Portunhol como uma língua de comunicação para práticas orais cotidianas por falantes fronteiriços também se aproxima das necessidades que falantes não fronteiriços tem no uso do Portunhol como uma interlíngua, porém o Portunhol em cada ocorrência apresenta peculiaridades tanto no modo como se organiza linguisticamente como os contextos nos quais é usado.

Para Chamoreau (2008, p. 1), a designação categoriza porque “impone al otro un carácter homogéneo, atribuyéndole una serie de calificaciones que se van a cristalizar en discursos reproductibles e inductores de efecto tanto en los hablantes como en los que usan el nombre.” Tal cristalização pode ser compreendida de acordo que Guimarães (2002) que concebe a designação como um recorte no mundo, assim ela significa na História. Designar recorta a palavra por ela estar constituída de uma história, de tal modo que se particulariza por um acontecimento.

No que se refere à hierarquização, ainda segundo Chamoreau (2008), ela é determinada pela relação dominante e dominado, quer dizer, resultado de relações políticas, tal polarização vai estabelecer uma língua dominante e veicular e uma língua dominada e vernacular. A autora chama a atenção como essa hierarquia se reproduz em muitos casos quando se atribui a identificação de dialeto para uma língua dominada, por relacioná-la a uma característica pejorativa, fazendo-se uma distinção política e social entre o que seria uma língua e um dialeto.

No caso do Portunhol Uruguaio (que assim os falantes passam a nomear), é uma língua de contato, falada por uma comunidade situada no norte uruguaio, com características históricas e sociais herdadas da cultura luso-brasileira. A presença do português na região, misturado ao espanhol, coloca a própria academia no enfrentamento de uma realidade linguística nova. Soma-se a isso o fato de que os primeiros estudos realizados por Rona, iniciados no ano de 1957, publicados em 1965, estavam orientados em bases conceituais da Geografia Linguística, destacando-se os mapeamentos de ocorrências fonêmicas e fonéticas, que o autor identifica como sendo do *Dialecto Fronterizo* de caráter *mixto* os quais lhe permitiram localizar o grau do contato linguístico do espanhol com português em cada zona da fronteira Brasil-Uruguai.

Por isso, os fenômenos linguísticos descritos por ele são apresentados com base em características diatópicas, assim os dialetos são identificados como um falar distinto, classificando-os segundo as duas línguas de influência: *Fronterizo castellano* e *Fronterizo portugués*, tal como se classifica no mapa publicado na obra *Dialecto Fronterizo del Norte de Uruguay* (1965, p. 10).

Posteriormente, na obra *Nos Falemo Brasileiro. Dialectos Portugueses en Uruguay*, de Elizaincín, Behares e Barrios (1985), descrevem-se a variabilidade e a irregularidade presentes na fala dos 'dialectos'. As relações entre a fala e as variáveis sociais indicam uma baixa escolarização dos falantes e sua procedência rural ou das periferias urbanas. Nesse estudo, destacam-se tais variáveis sociais e suas incidências sobre o modo de falar uma língua, coerente com as bases teóricas filiadas à Sociologia da Linguagem, de Fishman, que orientavam a pesquisa realizada pelos autores.

Para o Portunhol Uruguaio, os autores apresentam nomeações variadas, que se alternam, sendo que algumas ocorrem em zonas muito específicas no norte uruguaio, sobretudo, nas zonas rurais, tais como: *carimbão, brasileiro y basãno*. Desses nomes, *brasileiro* é o mais popular e recorrente, referindo-se à mistura do espanhol e português, sobretudo, por sua base portuguesa. Os pesquisadores separam as formas de nomear segundo os grupos sociais envolvidos, ou seja, os nomes mais populares dado pelos próprios falantes têm origens pouco conhecidas, nem mesmo os falantes percebem, quando falam, que seu falar é diferente do outros grupos.

O histórico de designações atribuídas a essa língua de contato evidentemente sofreu influência do lugar teórico com base no qual cada pesquisador abordou a questão. Hensey (1972) usou tanto *Fronterizo* como *Portunhol*, buscando verificar o tipo e o grau de bilinguismo existente na zona fronteiriça. Elizaincín, Behares e Barrios (1985) optam por dialeto para identificar o tipo de fenômeno linguístico, considerando o aspecto diatópico e diastrático da presença do fenômeno nessa região. Usam a forma no plural "dialectos" para referir a instabilidade e a variabilidade que a mistura apresenta nas diferentes zonas do território fronteiriço. Os autores justificam a designação escolhida posteriormente mencionada pela sigla DPU, porque "Nuestra hipótesis inicial, entonces, podría resumirse diciendo que se trata de formas mixtas (o dialectos

bilíngues” V. Haugen, 1973) de base preponderantemente portuguesa, las que, sin embargo, evidencian fuerte influencia del español”. E acrescentam “...hemos querido captar y resumir con la designación “DPU”: **Dialectos Portugueses del Uruguay.**” (1987, p. 14) (grifo autor).

Embora haja uma variabilidade grande em cada fala identificada ao longo dessa fronteira, ou seja, o Portunhol no Departamento de Rivera não é igual ao do departamento de Artigas, persiste a designação atribuída pelos falantes externos à comunidade de fala, tal como nos alerta Charomeau, baseada em características pelas quais os falantes são reconhecidos: pouco nível de instrução, herança brasileira, habitantes de zonas rurais, pouca atividade econômica e pobres.

Em trabalhos mais recentes Carvalho (2006; 2010) discute a identificação do Portunhol Uruguaio levando em conta a sua base gramatical portuguesa e propõe nomeá-la de Português do Uruguai (PU). Em uma pesquisa realizada pela autora, com o objetivo de elencar subsídios para apontar estratégias pedagógicas para ensino de Português no Uruguai, considerando a realidade sociolinguística dessa fronteira, ela analisa as situações discursivas nas quais os falantes manejam as línguas, alternando o uso de uma e outra, do português padrão e português uruguaio e o espanhol da fronteira. Esse é o repertório de que os falantes dispõem e do qual se utilizam, demonstrando uma capacidade estratégica para distribuir as línguas quando alternam os códigos, adequando-se às situações discursivas específicas.

O trabalho de Carvalho (2010), no domínio da Sociolinguística, destaca fatores sociais na escolha das línguas, dados pelo funcionamento de um bilinguismo na sociedade uruguaia fronteira. Quanto ao uso da designação Portunhol para uma “variedade linguística inferior ao português brasileiro e ao espanhol do sul do país”, ela afirma que tal designação produz uma insegurança linguística nos falantes, o que “leva os falantes do português uruguaio a menosprezar esse idioma, conferindo-lhe status de uma variedade híbrida, um ‘portunhol’. Ainda que não adote o nome Portunhol dado pelos falantes, ela mostra que os falantes assim o nomeiam. Merece destaque o fato de que ainda persiste a relação de variedade híbrida como desprestígio, estigma e mal falar.

O fato de os falantes escolherem a língua segundo as situações de uso marca uma postura política, sobretudo, se a escolha demonstra uma estratégia discursiva. Frente ao repertório de que dispõem, a distribuição das línguas segue um critério político, que não anula a opção por uma variedade híbrida, pelo contrário. Em depoimentos mencionados pela própria autora, os falantes reconhecem os espaços nos quais o uso de uma outra língua ou variedade de uma língua se orienta pela formalidade ou não, pelo interlocutor com quem estabelecem uma conversação e pela função pragmática potencial que a escolha contém.

Por outro lado, os falantes têm suas designações baseadas em outras características: *Brasileiro* – pela predominância étnica na região e, portanto, do português brasileiro; *Fronterizo* – que remete à especificidade do território; *Entreverado / Mezcla* – remetendo ao contato, ao processo de mistura das línguas. Adotar o nome Portunhol é marcar uma posição política para destacar o território. Embora reforce mais a ideia da mistura em lugar da base portuguesa, o nome se impõe como o de uma língua própria do lugar.

Barrios reforça a relação que uma denominação tem com o enfoque teórico do pesquisador. Ao tratar do Portunhol, destaca o fato de que este é um termo habitualmente usado pela comunidade, ainda que apresente conotações negativas para os próprios falantes que as relacionam, por exemplo, ao mal falar o português. No entanto, sobressai o fato de usá-lo para simbolizar uma ‘simbiosis cultural uruguayo-brasileña’, (BARRIOS, 2014)

Para organizar e explicitar como a nomeação/designação se ancora nas quatro ocorrências do fenômeno, mencionadas anteriormente, vamos então discutir e interpretar como funciona cada uma e estabelecer suas diferenças, buscando assim explicitar como Portunhol se reforça como uma palavra que designa uma língua com força social e política.

3. Portunhol ou Portunhóis?

Levando em consideração que dar o nome a uma língua implica, sobretudo, a relação dos falantes com ela e do componente político que apresenta este gesto, a escolha de

um nome, como já abordamos, tem razões diversas desde as mais objetivas até as mais subjetivas.

Existe um contraponto que nos permite estabelecer uma diferença entre nomear e designar. Para tanto, é preciso considerar que o Portunhol como uma nova língua tem, em sua gênese, duas línguas já nomeadas. Evidentemente a história do Portunhol rememora o Português, e o Espanhol e seu entrelaçamento sustenta-se em gramáticas existentes e em funcionamento. Portunhol é uma língua predominantemente oral, talvez por essa razão venha se expandido, venha marcando um espaço de interação comunicativa, necessária para a manutenção de uma fluidez nas relações entre grupos sociais e comunitários distintos.

Do ponto de vista conceitual, nomear é a identificação da palavra no conjunto de léxicos de uma língua, assim nomear, denominar e designar, em uma primeira análise, estão em uma relação de sinonímia. No entanto, quando tratamos do funcionamento semântico da palavra ou de uma forma nominal, de modo que nomeação e designação funcionam como construtos semânticos da relação da linguagem com os falantes no modo como se significam no mundo pela língua. Se consideramos o processo de nomeação como uma identificação, parece uma via acertada compreender que o ato de nomear inscreve, na língua, o que já está na realidade, enquanto designar é a significação desta língua em dada conjuntura por escolha de seus falantes, portanto, uma escolha política.

A palavra Portunhol na sua forma gráfica remete às línguas das quais está composta. No entanto, do ponto de vista das possibilidades de significação, o falante projeta-as quando enuncia o nome da sua língua ou a reivindica como patrimônio pelo seu valor cultural e identitário, caso do Portunhol Uruguaio; ou quando o faz por marcar um lugar de expressão cultural das fronteiras sociais e como símbolo de resistência, caso Portunhol Selvagem. Tratar apenas do contato entre gramáticas de duas línguas reduz a abordagem a uma visão formalista, ainda que essa perspectiva predomine em visões do Portunhol Interlíngua ou na abordagem de gramáticas em contato. Lipski (2006, p.8), por exemplo, afirma que tais fenômenos de línguas em contato popularmente são identificados por palavras que sugerem a aproximação, em geral, pelo grau de identificação do parentesco entre elas,

havendo uma mistura das línguas e que as mesmas entram na categoria das línguas híbridas, citam-se, entre outras, o *Spainglish*, *Guaranol*, *Taglish*.⁴

Há, como já afirmei, pelo menos quatro ocorrências do Portunhol e suas ocorrências relacionam-se com práticas sociais de uso da língua. Como a língua oral é praticada por necessidades de interação na comunicação cotidiana, em um território específico ou em uma comunidade de fala dispersa, e apresenta características diferentes na forma de misturar as línguas, não há uma regra. O traço comum é o fato de estarem aproximadas pela realidade social e econômica, facilitada pela dinâmica local, que cria seus códigos de interação social para superar as delimitações fiscais e migratórias nas aduanas, possibilitando um fluxo que favorece ao contato e o intensifica. As comunidades de fala, situadas em territórios constituídos de maneiras distintas, têm, no uso do portunhol, objetivos comunicativos diversos.

A designação implica um significado histórico e político como língua de uma comunidade linguística que usa o português e/ou espanhol como línguas maternas e/ou segundas, e sobretudo, porque traz inscrita uma relação identitária com seus falantes, que a eleva à categoria simbólica de pertencimento à fronteira e, em certa medida, a um patrimônio cultural regional.

Se designar é dar nome ao que já tem nome, entende-se, portanto que a designação é um construto. Ela é uma significação, ou seja, contém uma ideia construída historicamente. O nome de uma língua como Portunhol não é apenas uma referência a qual remetemos invariavelmente à mistura de duas línguas, mas é sobretudo a significação política e histórica de uma língua. As recentes manifestações e atividades culturais, com forte viés político, demonstram que a reivindicação do Portunhol como patrimônio cultural do Uruguai se sustenta no entendimento de que a língua tem valor identitário para a sua comunidade de fala, a qual busca reconhecimento social e político via o reconhecimento do seu patrimônio cultural. Falar portunhol é reivindicar um código, mas também um lugar/um território.

Por outro lado, o Portunhol Interlíngua como designação significa uma relação com o processo de aprendizagem, remete a uma fase instável do aprendiz na qual ele ainda mistura

⁴ Spainglish - contato Espanhol - Inglês; Guaranol - contato Guaraní-Espanhol; Taglish - contato Tagalog (língua originária das Filipinas) - inglês

as duas línguas, português e/ou espanhol como línguas estrangeiras. Muitos aprendizes costumam nomear o seu mal falar a língua espanhola, por exemplo, como Portunhol, inclusive referido, em textos acadêmicos, como modo de nomear um estágio no processo de aprendizagem de uma ou outra dessas duas línguas como línguas estrangeiras. Novamente o significado está associado à mistura das línguas, nenhuma nem outra. É o estágio de incerteza linguística que vai ser nomeado de Portunhol. Ainda que apresente um traço comum com o Portunhol do Uruguai, ou seja, o mal falar decorrente da mistura das línguas, são práticas sociais diferentes que balizam o uso da língua.

O Portunhol Interlíngua ocorre em situações de caráter proposital, quer dizer, tem-se o objetivo de aprender a língua, em geral, em situações formais, como na escola, nos cursos livres de língua ou intercâmbios. Ocorre no contexto de aprendizagem formal de uma língua estrangeira e, desse modo, a transparência entre o português e o espanhol pode significar duas possibilidades: mal falar a língua meta (a que se está aprendendo) ou ser uma vantagem dada pela proximidade das línguas, como um insumo importante para avançar no processo de aprendizagem. De um modo geral, não se dá enfoque no Portunhol como um potencial recurso para aprender português ou espanhol, tem-se insistido no seu aspecto negativo, como um problema.

O Portunhol Interação Comunicativa também significa a mistura particular que cada falante faz quando em contato com uma das duas línguas, usando-a, antes tudo, para interagir, da maneira mais eficiente possível, em situações de necessária comunicação, ainda que seja apenas imediata, uma “mistura pragmática” tal como se refere Burke (2010) ao mencionar uma gama de exemplos que ilustram a mistura das línguas a partir do Renascimento, pois o processo de gramatização dos vernáculos europeus e as diferentes conjunturas históricas contribuiu para a prática da misturas de línguas.

Nessas situações é importante observar que a proximidade das línguas, de origem comum e aparentadas, produz uma certa garantia no nível de intercompreensão entre os falantes, que se amplia de acordo com o grau de identificações de outra natureza, tais como: modo de vida; a base econômica do lugar; o reconhecimento de uma cultura similar; a história de

migrações; os meios de comunicação que possibilitam a presença mais constante de uma e/ou outra língua. Reconhece-se esse Portunhol nos turistas, mas também nas fronteiras de maior fluxo de pessoas, com comércio voltado para interesses do país vizinho, pela dinâmica social e cultural que se acentua onde as chamadas cidades gêmeas formam um grande aglomerado urbano. Cabe aqui citar algumas fronteiras como as do Brasil-Argentina; Brasil-Paraguai; Brasil-Bolívia e Brasil-Venezuela, onde localizamos exemplos diversos, sem deixar de incluir neles, sem deixar de incluir nelas a fronteira Brasil-Uruguai, quando consideramos o Portunhol falado pelos brasileiros, distinto do Portunhol Uruguaio, como já se mencionou.

O Portunhol Língua de Interação Comunicativa também ocorre em publicidades, em panfletos, em programas de humor, *comics* entre outras textualidades. Nesta ocorrência, importa a intenção de se comunicar, seu apelo pragmático e o funcionamento como um propulsor de interação. O exemplo mais recente é uma publicidade agenciada pela Empresa de Turismo do Brasil – EMBRATUR, veiculada no ano de 2017/2018, que promove o turismo no Brasil em Portunhol, embora seja um órgão público do governo brasileiro.

O documentário *Vidas Mixturadas*, de Ana Zanotti, aborda o cotidiano da vida fronteiriça em cidades da Fronteira Brasil-Argentina. O Portunhol aparece como a língua facilitadora da comunicação entre brasileiros migrantes que chegam para trabalhar no lado argentino da fronteira. As crianças dão vitalidade ao Portunhol porque diferenciam os espaços de circulação das línguas: em casa, o português; na escola o espanhol e entre as demais interações sociais, como durante as brincadeiras no intervalo das atividades escolares o Portunhol para interagir com seus colegas argentinos. É em um espaço livre de comunicação que o Portunhol circula, sem a regulação própria dos espaços formais e institucionais.

Lipski (2011) traz exemplos da fronteira do Brasil com a Bolívia para cotejá-los com outras situações de fronteira, diferenciando o grau de uso de falas mescladas português-espanhol. O que se destaca, na sua pesquisa, é a extensão e a frequência com que os falantes usam o Portunhol. Este uso tem relação com o deslocamento de grupos brasileiros para outro lado da fronteira. Historicamente a presença do espanhol no lado brasileiro é mais diluída, aparece na incorporação de algumas

expressões, em influências na pronúncia, nos empréstimos lexicais. Uma possibilidade de interpretação para essa pouca presença tem a ver com os ciclos migratórios, que ocorreram por questões econômicas, em especial, por exploração de cultivos: lavouras de soja no Paraguai, exploração de erva mate na Argentina, cultivo da castanha ou exploração da borracha na Bolívia, a criação de gado e cultivo de arroz no Uruguai.

A fronteira pesquisada por Lipski (2011, p.350) sobre a situação sociolinguística da cidade de Cobija na fronteira boliviana, que faz limite com a cidade de Brasileia, no estado brasileiro do Acre, indicou que a presença do português é potencializada pelo fluxo de brasileiros, pois Cobija é uma zona de comércio livre de impostos. Ele afirma que o domínio do português por parte dos bolivianos é bem variado e limitado, para uma “comunicação comercial básica”. A presença do português também ocorreu em razão da forte influência dos meios de comunicação brasileiros (rádio e televisão), tal como também ocorreu em outras fronteiras, como as do Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai. As condições econômicas e geopolíticas das regiões fronteiriças têm impacto sobre a maior ou menor presença do português e do espanhol. O que se observa é que o Portunhol que se usa nessas situações está relacionado a uma necessidade de sobrevivência e de interação social, ele ocorre independente de qual é a língua de base, ainda que haja indícios de que predomine o português.

Já em relação ao Portunhol Selvagem/Portunhol *Salvaje*, pode-se dizer que ele tem vitalidade na escrita literária e tem como componente uma outra língua, o guarani. Do mesmo modo que os demais, não tem uma estabilidade e/ou regularidade para fixação de uma gramática. Ele tem uma gramática inventada, servindo ao texto literário como recurso estético-linguístico. O uso na escrita tem suas inspirações na realidade, na vida pulsante da fronteira, e os temas abordados são costurados sobre um cenário fronteiriço no qual a língua exerce um papel protagonista, como materialização de um discurso de resistência, o que faz com que a fronteira não seja um cenário qualquer, mas também significado na língua. Para ilustrar, Douglas Diegues apresenta o *Portunhol Salvaje* em seus textos, dizendo: “non soy nim fui el inventor del portunhol selvagem. Soy apenas el inbentor de um concepto de portunhol

selvagem, um portunhol salbahem enquanto habla y escritura y non-lengua.” (ALBUQUERQUE, 2014)

A declaração do escritor explicita o significado do Portunhol como uma fala de sujeitos à margem, implica ser parte de um conceito mais amplo de fronteira. No entanto, observa-se que ele incorpora palavras de outras línguas (*oui, yes, versione, paraguayensis*) marcando o modo de pronunciar. Aqui a mistura é uma babel, e o selvagem está nesta mistura não controlada. Desse modo, a palavra *salvaje* determina a designação Portunhol à medida que lhe atribui um sentido que é um conceito de fronteira, remete a um estado não civilizado de uma zona, um território (o real da fronteira e o imaginário da narrativa literária). O sentido de fronteira relaciona-se com este lugar do abandono, da sobrevivência, da resistência. A liberdade desse Portunhol *Salvaje* é que ele pode se constituir por meio de um entrelaçar de muitas línguas, em um estado de existência não regrado, uma língua sem norma, sem estabilidade, sem gramática, mas funcionando como um espaço de enunciação da resistência.

Considerações

A fronteira é que faz o Portunhol existir. Talvez, por essa razão, ele também não ocorra somente em fronteiras geopolíticas delimitadas, mesmo quando a ideia de onde a fronteira termina e de onde ela começa se configure por uma linha imaginária. No entanto, podemos diferenciar a situação da seguinte maneira: o Portunhol *Salvaje* remete ao cenário de uma fronteira geopolítica, mas também está na base da criação de uma fronteira estética. O *Portunhol-Interlíngua*, por outro lado, estabelece uma fronteira entre falar bem e falar mal o português e/ou o espanhol, a fronteira da medida da proficiência. Por outro lado, o *Portunhol Uruguai* é uma língua étnica, língua de herança de muitas famílias de origem lusobrasileira na região norte do Uruguai, por isso um patrimônio linguístico e cultural. Em outras fronteiras, o *Portunhol Língua de Interação Comunicativa* funciona na dinâmica das relações cotidianas, informais, de aspecto pragmático e dispersa-se em distintas zonas limítrofes, inclusive nas que não são geopolíticas, de uma comunidade imaginada.

Todas essas situações de uso do Portunhol, aqui apresentadas, permitem-nos refletir, de modo mais amplo, sobre os limites das designações de Portunhol nas suas diferentes ocorrências. Cada designação de Portunhol é única na medida em que está determinada por sua função, sua história, seu sentido político e suas formas de materialização na escrita. Evidentemente, identificar uma língua com tantas facetas, a começar por tirá-la do escopo do dialeto, é dar-lhe uma relevância pela forma como se constitui historicamente, uma língua permeada, sobretudo, pelas várias e variadas fronteiras que ela traz significadas na sua designação e claro na sua definição.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar. As Fronteiras do Portunhol Salvaje In: *Revista TB*: Rio de Janeiro, 196: 89/108, jan.-mar, 2014.

AUROUX, Sylvan. *Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas SP: Ed. UNICAMP, 1992.

BARRIOS, Graciela. La denominación de variedades lingüísticas en situaciones de contacto: dialecto fronterizo, DPU, português uruguaio, português fronterizo o portunhol:. In Y HIPPERDEINGER (comp.) *Lenguas Conceptos y Contatos*. Bahia Blanca: Ed. UNS, 2014, p. 77-105.

BASSO, Renato M. & GONÇALVES, Rodrigo T. *História Concisa da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

BURKE, Peter. *Linguagens e Comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

DIAS, Luiz Francisco. Formas nominais designativas da Língua do Brasil: uma abordagem enunciativa IN: *Revista Letras*. v.3, n. 46, p.11-22, jan/jun, 2013.

CHAMOREAU, Claudine. *La pluridenominación de una lengua: un juego de doble reflejo. Un acercamiento a la lengua de Michocán o Juchari Anpau o Tarasco o Purepecha*. 4 de julho, 2008.

CARVALHO, Ana Maria. Contribuições da Sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai. *Revista Pro-Posições*, Campinas. v.21, n.3(63) p. 45-66, set/dez, 2010.

ELIZAINCÍN, A., BEHARES, L. BARRIOS, G. *Nós falemo brasileiro. Dialectos Portugueses del Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*. Campinas: Ed. Pontes, 2002.

LIPSKI, John M. Too Close for Comfort? The Genesis of “Portuñol/Portunhol” *Selected Proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*, ed. Timothy L. Face and Carol A. Klee, 1-22. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project., 2006.

LIPSKI, John M. Um caso de Contato de Fronteira: o sudoeste In: *Os Contatos Linguísticos no Brasil*. Cleo Altenhofen; Heloísa Mello & Tommaso Raso(orgs.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *Os Nomes na História. Um Ensaio de Poética do Saber*. São Paulo: Pontes, 1994.

RONA, José Pedro. *El Dialecto Fronterizo del Norte del Uruguay*. Montevidéo: Librería Adolfo Linardi, 1965.

STURZA, Eliana. Fronteiras e Práticas Linguísticas: um olhar sobre o Portunhol. In: *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*. RILI, volume I (3) Madri: editorial Vervuert. p.151-160, 2004.

STURZA, Eliana. Línguas de Fronteira e Política de línguas: uma história das Ideias Linguísticas, 2006. Tese (Doutorado em Linguística), IEL/UNICAMP. Campinas.

Abstract

Portunhol: language, history and politics

Portunhol is defined as a language resulting from the linguistic contact between Portuguese and Spanish and is identified as a contact language but also an ethnic language of speakers from bordering communities in the Northern region of Uruguay and extreme Southern Brazil. This article aims at clarifying which social, political and identitary aspects contribute to differentiate Portunhol as an ethnic language from Portunhol as an interlanguage, from Portunhol as a social interaction language and from Savage Portunhol from literary texts, which is used for aesthetical purposes. Therefore, the historical and political aspects that have led Portunhol to be claimed as cultural heritage have also been taken into consideration.

Keywords: *Portunhol; language; History; Politics*